

Conversas à Volta de Dinheiro, Amor e Virtude: A Caminho de um *Ideal Imaginado* com Maria José Pereira

Ter 10 de novembro

Reflexão sobre Dinheiro, Amor e Virtude

Ter 17 de novembro

Dinheiro: Sustenta ou Destrói?

Ter 24 de novembro

Amor e Virtude

Sex 4 de dezembro

Aprender do Passado para Inventar o Futuro: um *Ideal Imaginado* Com a participação de Maria Filomena Molder, Emílio Rui Vilar e João Lobo Antunes

Como é que dinheiro, amor e virtude estão interligados? O dinheiro proporciona-nos bem-estar material. É o elemento vital da economia, através do qual a sociedade organiza as suas necessidades materiais. Uma boa governação, pautada pela virtude, permite cuidar de todos. Para os gregos, amizade era “a coroa da vida e a escola da virtude.” Por isso, dinheiro, amor e virtude não são estranhos nem opostos entre si. Prosperam juntos! Representando várias dimensões da nossa vida, partilham em nós um fundamento comum.

Neste ciclo de conversas, discutimos os desenvolvimentos financeiros dos últimos anos. Apreciamos as perspetivas humanísticas dos grandes pensadores, vivos ou não, contrastando-os com a abordagem meramente instrumental do nosso mundo. Observamos que o pressuposto vigente do egoísmo do ser humano ajuda a criar um mundo de trevas. As ciências desmentem cada vez mais esta visão e retratam o ser humano como empático e capaz de altruísmo.

No mundo económico e financeiro, onde temos vivenciado desilusões e grandes mudanças, sentimo-nos perdidos e sem esperança perante os cenários apresentados para o futuro. Somos inundados com dados e informação, mas não somos



John Constable (1776-1837). *Cloud study*, 1822. The Samuel Courtauld Trust, The Courtauld Gallery, Londres

incentivados a assimilá-los através de reflexão, à qual os neurocientistas dão grande importância. Ao refletirmos sobre o significado de ser humano, e por via da discussão e de ações que visem o bem, podemos construir juntos um mundo onde dinheiro, amor e virtude ajam em sintonia e não em desacordo.

Maria José Pereira, junho 2015

Dinheiro: Sustenta ou Destrói?

- A resposta depende de como o dinheiro é utilizado:
 - se introduzimos nutrientes ou toxinas na sociedade através dele
- O dinheiro não sustenta (o bem comum) sem a consciência cívica
- Conforme o neoliberalismo,
 - a maximização da riqueza, pelo *interesse próprio*, motiva ação e
 - conduz a benefícios para todos, pela *mão invisível*

• Porém Adam Smith considerou também o *autodomínio* e a simpatia

• Tanto Smith como Aristóteles visam o bem da sociedade através da consideração pelo outro e da virtude

• Nos anos 1980, a era de “financeirização”, com desregulação, liberalização dos mercados e reforma fiscal,

- levou a uma expansão no crédito, facilitando o investimento e o consumo;
- deu azo a uma expansão económica, que podemos chamar ‘virtuosa’ no início do ciclo

• O investimento benéfico apoia a prosperidade:

- o empreendedor inova e procura investimento;
- o capital investido permite emprego e a criação de riqueza

• O lucro é indispensável para confirmar o mérito do investimento e muitos ganham

CONFERÊNCIAS TER 10, 17, 24 NOVEMBRO E SEX 4 DEZEMBRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

- A principal vantagem da dívida é facilitar o investimento
- No entanto, com a facilidade do crédito, a dívida foi utilizada cada vez mais para – financiar o consumo e a especulação, a criação de riqueza no papel, – levando à bolha
- O ciclo virtuoso degenerou em ciclo vicioso
- Vivemos tempos de excessos: – no correr risco, na alavancagem, na complexidade e opacidade dos instrumentos financeiros, e na compensação – longe da *proporcionalidade*, expressão da justiça de Aristóteles
- Com a bolha a rebentar em 2008, assistimos à destruição massiva do valor, ao desemprego elevado, às tensões sociais, e à desilusão política
- A teoria dos mercados perfeitos, baseada num pressuposto (errado) de pessoas racionais, mostrou-se imperfeita
- Thomas Piketty escreveu que, quando $r > c$, – a divergência na receita provoca a aceleração na acumulação do capital e aumenta a desigualdade
- A transformação do paradigma financeiro contribui para a desigualdade: – níveis excessivos na compensação dos executivos, – retornos muito elevados nos ativos financeiros e no imobiliário, – amplificados pela alavancagem
- Como ciência pura, o estudo económico só considera o que é possível medir – é puramente instrumental e eficiente para maximizar a utilidade económica
- Tudo o que concerne ao ser humano (os sentimentos, as aspirações) é subjetivo e – por isso, não pode entrar no debate económico
- Keynes disse que um economista deve ser – “matemático, historiador, estadista e filósofo.”
- Para reformar o sistema económico e financeiro, precisamos mesmo que os economistas sejam tudo isto
- Precisamos então de um modelo económico e financeiro – que também considere as pessoas e a ecologia, – para servir o nosso mundo complexo e interligado
- Um modelo não só quantitativo, – incorporando medidas de externalidades como as emissões de carbono e outras medidas ecológicas e sociais (necessárias)
- Mas também considerações qualitativas: – empatia, reciprocidade, ética > dignidade e justiça
- Um modelo humanista com virtude e simetria nos mercados
- O capital social é a estrutura de confiança mútua – fundamental para a economia e a sociedade
- Não pode ser legislado ou forçado, – mas integrado na cultura
- Temos que recuperar a confiança no sistema financeiro
- Há 3 pilares essenciais: – macroprudencial, microprudencial, e comportamental
- Porém o sistema financeiro não é só defensivo; – deve ser expansivo
- McKinsey Quarterly Review – “A economia – um sistema complexo, dinâmico, aberto e não linear – tem mais em comum com um ecossistema do que com sistemas mecanicistas utilizados na teoria neoclássica.” – O capitalismo fornece incentivos para “resolver problemas humanos”; são estas soluções, e não o dinheiro, que definem a prosperidade.
- Como é que a finança permite à economia florescer?
- Fornecendo instrumentos para atingir o progresso humano, – com jogos especulativos (curto prazo) a dar lugar a – investimento (longo prazo) e consumo benéficos, – através da gestão prudencial (*stewardship*)
- A finança é meio para – providenciar investimento, inovação, crescimento sustentável, e prosperidade autêntica
- Pode sustentar a sociedade.

Com uma longa carreira internacional no meio financeiro, **Maria José Pereira**, de há uns anos a esta parte, tem refletido sobre os caminhos que conduziram à atual realidade económica e financeira e sobre alternativas mais humanas ao modelo dominante. O resultado da sua profunda, fundamentada e original reflexão constam do livro que publicou em abril deste ano, *A Banker Reflects on Money, Love and Virtue*. Neste ciclo de conversas partilha as suas ideias connosco e com convidados.